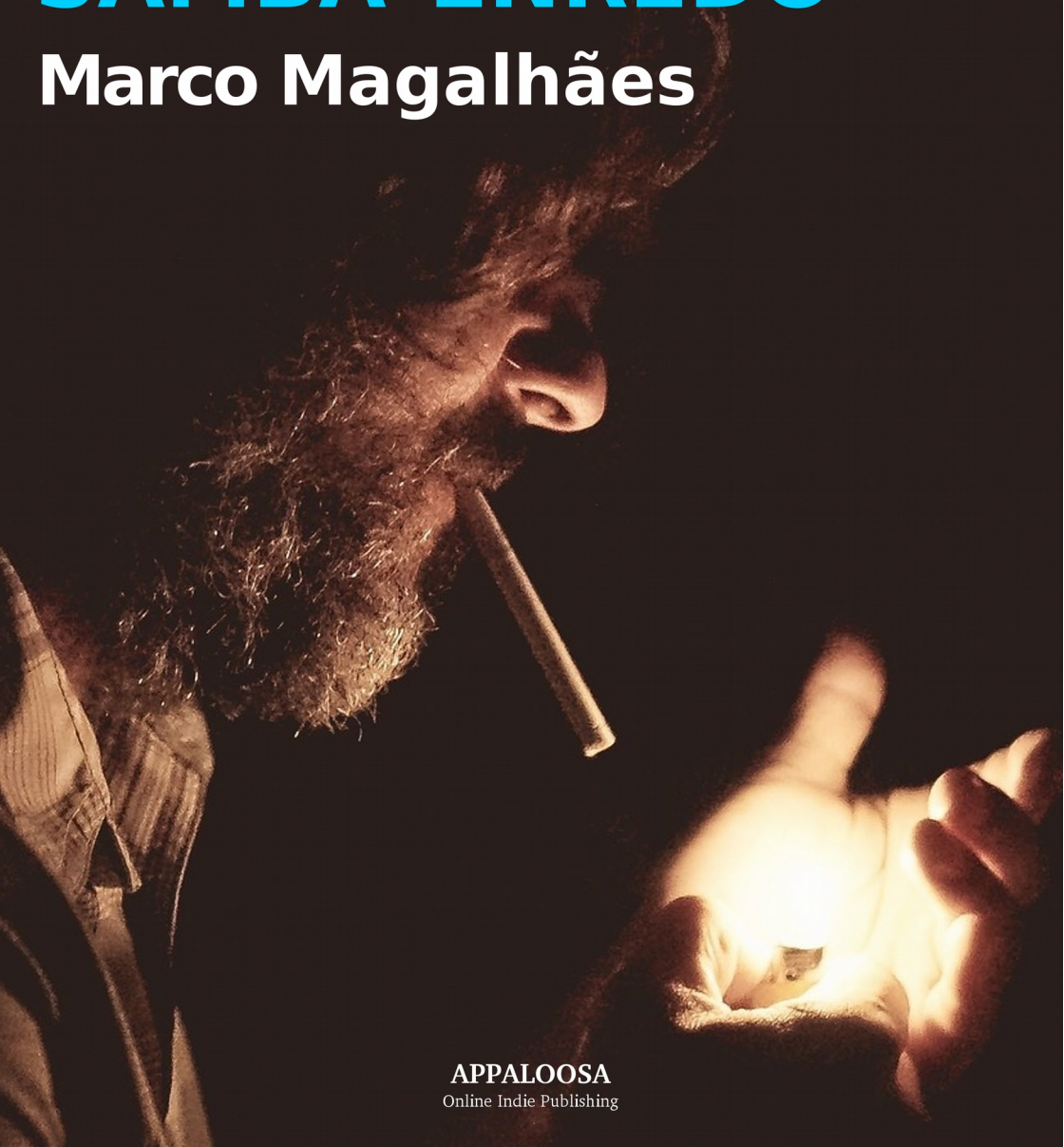


TUA LEMBRANÇA É PRA SEMPRE SAMBA-ENREDO

Marco Magalhães



APPALOOSA

Online Indie Publishing

TUA LEMBRANÇA É PRA SEMPRE SAMBA-ENREDO

Marco Magalhães

Livro: AP0006

Magalhães, Marco

Tua Lembrança é pra Sempre Samba-Enredo

Marco Magalhães – 1 Ed. 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Background de Capa:

Pixabay Domain Public Image

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

. Tua Lembrança é Pra Sempre Samba-Enredo

. Sobre o Autor

às fotos que apaguei.

::

confesso sofrer pelas palavras que habitam minha mente
e nunca viverão para serem ouvidas no tom rouco de
fumante

saio à praça e a praça é um borrão sem vida e iluminado
que me mastiga, me cospe, me desdenha, me entrega nu
de volta pro lugar de partida

confesso que ainda ouço tua voz vencendo o som alto
tocando vapor barato e a frigideira fervendo queimada
os ovos mexidos que ninguém há de comer jamais
e insisto em escutar a campainha que eu mesmo
arranquei

sem aguentar esperar que ela tocasse
numa noite fria de um verão que eu mesmo inventei
confesso que troquei de número por não aguentar dormir
e não acordar com o toque insistente da sua vontade
de me ter.

::

pichei teu nome
na parede da escola
onde a gente se beijou pela primeira vez
ainda ontem te vi
e desviei meu caminho
logo logo é carnaval
mas no meu peito
tua lembrança é pra sempre samba-enredo.

::

mi casa és su casa, cariño. e aquilo que seria uma *one night stand* mais parecia um chevette envenenado rumo ao abismo que eu bem conhecia e, se não temia, respeitava. há poucas coisas na vida de um homem que podem nocauteá-lo com um direto no queixo ainda no primeiro round. bebíamos, fumávamos, trepávamos e rivotrilávamos à vontade em seus vinte-e-cinco-metros-quadrados-que-possivelmente-papai-pagava e deslizávamos como espíritos invisíveis na madrugada urbana e soturna que só Brasília conseguia produzir. no som, aquela música que ainda faz com que eu queira beijá-la. as mãos dadas. os pés largos em cima do assento. os olhos fechados enquanto a madrugada a beijava em lugares que eu nunca imaginei que pudesse tocar. nossa sinfonia desajustada era marcada, a cada volta que a roda dava, pelo compasso insistente do prego que eu não havia conseguido desviar e meu coração, sabendo estar cheio de veneno em forma de amor e aos poucos perdendo as próprias forças, não podia evitar de sorrir entendendo que a melhor morte é aquela que não apenas se espera, mas também se deseja.

::

os fios cacheados golpeavam meu rosto com o cheiro doce que parece ser só deles. meu corpo experimentava no corpo de eulália uma maciez que eu já havia desistido de sentir. me perdia, afogando-me em nosso suor, em sua pele branca demais e seus pés largos. âncora de um barco que evitou todos os portos que havia um dia visitado. mas nunca começa assim. era casamento da raposa e eu me atrasei pra festa. quando se é importante, as pessoas esperam, mas ninguém me esperou. com a garrafa de vinho aberta, tomei o sofá para mim e me pus a observar a efervescente vida daquelas pessoas que eu nunca tinha visto na vida. um branco suave na minha mão direita garantia minha permanência no ambiente. meus olhos só prestavam atenção no corpo miúdo de eulália, que dançava com o copo de vodca na mão direita e a boca avermelhada pela gelatina de morango que, vez ou outra, morria em um pedaço em sua boca. todas as mulheres têm uma característica apaixonante, algo que se bem observado, pode fazer o mais frio dos corações bater. eulália tinha cinquenta dessas e eu encontrei mais de cem quando, iluminados pela luz artificial de uma asa norte ainda desconhecida pra mim, eulália desnudou-se em gemido, suor e falta de fôlego. ainda hoje, penso em eulália enquanto dirijo pelas ruas vazias dessa madrugada febril que só esses pilotis podem evocar. seu calor, seu

gosto, seu cheiro. pra sempre gravados em minha memória e em minha carne. nesses primeiros dias por todos os hematomas que sua sede havia deixado em mim. nos dias seguintes, por todo corpo que tocar o meu e não se parecerem em nada com o de eulália. por onde andará eulália quando nas noites em claro, bêbado e enjoado do fluxo constante de nicotina que me aquece os pulmões eu lembrar do corpo que me foi casa e perdição ao mesmo tempo? tua lembrança é robusta e toma mais de mim do que eu queria, podia, pensava em dar. e aceito, beijando-lhe os pés satisfeitos. brinque comigo e me acenda. e quando a noite se for e o sol se espreguiçar, queime comigo, eulália. queimemos, pois o amanhã não existe. não para nós, eulália. nascemos e morremos aqui, nesta noite, nesta cidade, neste quarto limpo e brilhante demais pra quem se amou em tamanha intensidade. que a curta vida valha a pena.

::

taquei as cinzas do nosso amor
no rio
que transborda de pernas
que ainda não aprendi a amar.

::

criou-se um azedume
debaixo da minha língua
deixei uma parte de mim
derramada na calçada
a massa roxa de vinho e carne
que meu próprio estômago
se recusou a carregar
tenho vinte e tantos anos
de ressaca
suor
e medo
durmo de luz acesa
brigando com o uivo rouco
da chuva no telhado de zinco
pra ver quem de nós
vai se apagar primeiro.

::

a balsa me deixa enjoado
e lembro das tuas pernas
com saudade do vinho beijado
passado de boca em mãos
e tomado direto do teu sorriso
e lembro de mês passado
quando deitei-me na rede
e fiquei tonto
você sempre sabia o que fazer
minhas patas ébrias
tateiam o chão ladrilhado
dessa cidade que eu não conheço
e vou me derramando aos poucos
pelas esquinas de cada prédio
que penso ser o seu
procurando uma janela iluminada
onde teu corpo estará
apertado entre o vidro
e o peito de alguém
que você deve mesmo amar.

::

cheiros

manjeriço. churrasco. porco assado. terra molhada.
bocetas. aquela boceta. tua boceta. o batom que você
nunca mais usou. o perfume que você me deu e meu
irmão quem usa. livro velho. mofo. maconha. camel
amarelo. hollywood vermelho. torta de framboesa (nunca
comi framboesas). manga apodrecendo no quintal. minha
cadela que não banha há um mês. transformador
queimado. banha derretida. café. malbec. cobertor
daquela loja cara na qual não podemos comprar. banheiro
de bar.

::

gostos.

bocetas. aquela boceta. tua boceta. rosquinha mabel
molhada no café.

::

sensações.

gozar dentro de você. os olhos apertando depois do
baseado. lsd. sentar depois de um dia longo. livro novo.
livro velho. livro bom. o primeiro cigarro do dia.

::

sons.

david bowie. você gemendo alto. lata de cerveja abrindo.
a rolha finalmente soltando da garrafa de vinho. tua
risada rouca e desmedida. leonard cohen. gal costa. a
cama rangendo. meu saco batendo na sua boceta. a
calcinha se soltando das suas pernas. eu te amo. vamos
tomar uma cerveja? abre a porta que eu tô chegando.

::

um besouro se arrasta
pela janela
e de repente
eu não sei mais
quem tu és
o grito das cigarras
explode lá fora
numa sinfonia desajustada
e eu fico tonto
custava ter deixado
dois cigarros?

::

os verões
melancólicos mentirosos
com suas tardes quentes
e preguiçosas
se desnudando em nossa frente
como se fossem durar para sempre
nos escapando
por entre os dedos
conforme os ponteiros caminham
e nossos planos escorrem
rumo ao inevitável adiamento
quem sabe da próxima vez
mês que vem talvez
somos todos imortais
em tardes de verão.

::

eu vi
as pessoas que mais amei e admirei
enlouquecendo dentro de quartos pequeno
seus aluguéis atrasados
e contas de água vencidas
vi o desespero nos olhos
dos melhores artistas que um dia eu conheci
e que não tinham o que comer
o que beber
ou até mesmo onde dormir
e meu coração salta
e pula
toda vez que preciso entrar
em um carro duas portas
ou num elevador
e eu fecho os olhos
e penso nos olhos dela
e tudo parece mais fácil
mas logo acontece de novo
numa noite fria
um sonho angustiante
e as paredes me cercando como velhas amigas
o grito distante da mulher que eu amei
caindo solitária no banheiro
os pulsos vertendo vermelho

e minhas mãos tremendo
cobertas do vômito branco de quem não comeu nada o
dia inteiro.

passou inquieta pela sala
esbarrou num pedacinho de si mesma
arrancou um naco do braço e jogou
pra fora do carro na primeira briga
uma perna voou pela janela
naquele dia em que o ponto do macarrão
fora suficientemente caótico
pra me fazer dormir fora de casa
foi se perdendo aos pouquinhos
suassunariana

e eu
alerta
dancei o espetáculo
de nossa própria destruição.

::

meu corpo é argila
nas mãos do deus cruel
que é tua ausência.

::

eu sou os miolos de hemingway
estourados pela espingarda
que também matou seu pai
e que sua própria mãe
enviou
sabendo do destino do filho
eu sou o capítulo de negativas de brás cubas
sou o café ralo e frio
da rodoviária da cidade que não conheço
às 6 da manhã
do primeiro dia sem você
eu sou roy batty
e as lágrimas na chuva
perecendo antes mesmo de ser
algo que valha a pena
eu sou o boleto atrasado
eu sou o pão endurecido
eu sou o beijo que você nunca me deu
eu sou a tempestade
que lavou da tua boca
o batom do nosso último adeus.

::

tenho vertigens
olhando pro mar de carros engarrafados
e me perco três vezes
tentando encontrar o seu
sem saber o que eu faria
se desse de cara contigo
numa manhã de ressaca
banho meus pés cansados
no lago onde estivemos
naquela noite
onde o iate passou por nós
enquanto tocava haddaway
e gritamos para as pessoas
da vida mais fácil que a nossa
e elas levantaram suas taças
e nos abraçamos
de frente às cores daquele barco
e você disse que me amava
me deu carona até a casa de outra mulher
e foi dormir acompanhada.

::

teu perdão é puro desespero
arco-íris em canção desafinada
o avião decolando
numa passagem só de ida
fazendo sombra por sobre a casa
que só pagamos uma parcela
me assusta o amanhã
mas o ontem me sufoca
doem os pulmões
e a garganta reclama
tenho cuspidos sangue
mas não faz mal
nesse país
ninguém morre
antes do carnaval.

::

as estradas se desenham à minha frente
conforme o ônibus reduz as marchas
e para
na beira da estrada
um cachorro vem ver
se consegue um pedaço de comida
mas estão todos muito cansados
até pra comer
tomo um café
pensando na distância que ainda falta
vejo os ônibus partirem
a insegurança
será um deles o meu?
não, ele continua ali
o motorista cheirando pó
em cima do celular arranhado
escondido atrás de outro ônibus
e seu colega arrumando a calça
na saída do banheiro
por onde acabou de passar
uma mulher vestida
de menos pro frio que fazia
mentalmente me pergunto seu nome
e me satisfaço
com a ausência de resposta

encerro o café
em mim há um pedaço
de cada viajante que passa
por essas estradas.

::

caminho olhando para os coturnos
sujos e arranhados
a se estapear por um espaço
que o grau alcoólico no meu corpo
não permite
e nos célebres bancos vandalizados
de praças há muito esquecidas
pela juventude rebelde
eu me deito e me lembro
das madrugadas
que passamos em claro
no escuro do teu quarto
onde agora outros se deitam
se ficam
e se demoram
e nada trazem de mim
enquanto eu me deito com outras
e outros
tentando apagar com suor e gozo
aquilo que você escreveu em mim
pego no sono enquanto fantasio
épocas mais fáceis
nas quais em outros braços
eu não tentava te esquecer
e com outros corpos

você não precisava se aquecer.

::

você fez carinho na minha gata
se distraiu e queimou o dedo com o cigarro
cozinhou só de calcinha
e reclamou da quantidade de pimenta
na casa
e aos pouquinhos
enquanto você andava de um lado
pro outro
à procura de algo que talvez
você nem soubesse o que era
mas ajudaria a aliviar a estranheza
de acordar com um estranho
cuja madrugada foi gasta conhecendo
até os recantos mais limpos
de uma alma perdida
eu fui sabendo
que você
indo pra frente e pra trás
ia sair por aquela porta
pra nunca mais voltar
mas não sem antes
deixar o cachecol
pra ter uma desculpa pra me ligar.

::

eu quis cerveja
ela pediu cachaça
doce mel de cana
látex e borracha.

::

transpiro
expiro
e perde-se o poema
nas ondas da inspiração.

::

toda noite
com as luzes apagadas
enxergo as casas
da invasão
que teu sorriso
construiu
no meu peito
crio monstros antes de dormir
e os empilho numa gaveta
onde costumava guardar as cartas
que um dia você me mandou
e esqueci de queimar.

::

eu estava lá
quando o uivo rouco
cortou minha pele
e atingiu meu coração
sem a piedade da morte que livra da dor
enquanto a aurora carregava
a volta de uma noite
que tardaria
a se encerrar
e eu vi
no olhar daqueles que se amavam
a desesperança
pela qual
os moribundos
são tão conhecidos
uma criança tocou meu braço
e me perguntou que horas eram
e desapareceu
na minha frente
como se não fosse nada
como se nunca tivesse existido
como se nunca tivesse merecido
existir.

::

eu fui à uma festa
e estavam
todos os meus amigos lá
todas as pessoas
que amei nos últimos anos
reunidas em torno de uma mesa
no som
“i wish that i could be like the cool kids”
e todos sentados
comendo salgadinhos
e olhando um para os outros
todos dividindo o mesmo olhar
sabendo que não
já não éramos mais cool kids
nosso tempo havia passado
nossos amores envelhecido
nossos irmãos
agora eram pais
e nós
só estávamos perdidos
esperando nossa vez
de murchar
e de desabrochar
em algo novo
sem sabermos

o que nos esperava
mas com a certeza
de que tudo seria diferente
com a certeza de que talvez
aquela fosse
a última vez.

::

tu eras mais tristeza
do que sonho
mais poesia
que amor
mais corte na carne
que promessa
tu eras mais
eu que queria menos.

::

sonhei que a gente fazia amor
com um cogumelo nuclear ao fundo
afinal
qual é a definição de amar
se não for pensar
no quanto seus olhos ficam bonitos
quando iluminados pelo brilho
daquilo que vai nos destruir?

::

é quase quarta feira
e eu só pensei em me matar
ou me mandar daqui
duas vezes
falamos duas horas
sobre os filhos que não posso ter
e os sonhos que carregamos
e o tempo escorreu
como escorrem as palavras atrapalhadas
que tentam te deixar acordada
só pra quem sabe
eu ter mais dez
ou vinte
minutos de você.

::

aquele noite quente
que a gente suava naquele quarto apertado
e dividia o último cigarro do maço
enquanto eu fingia que sabia tocar
tigresa
e você sorria de verdade
ou de mentira
não importava
e a gente se enroscava
e se esfregava
como dois animais
e sabíamos os dois
só de olhar pro olho do outro
que afinal
valia a pena
sofrer de amor.

::

nos teus lábios sou garoa
colhendo o pouquinho que quer me dar
me embriagando com tua voz grave
de quem fuma mais do que deveria
costurando um cobertor de retalhos
das coisas que você não me diz
e te amando mais
pelas coisas que você não faz.

::

tornou-se lugar comum
pedir abrigo nos lugares
onde já não sou mais aceito
fugir de onde sou bem-vindo
e me entocar onde nem sabem quem sou
talvez não seja somente a idade
um atestado pra sempre válido
da senilidade que se arrasta
ano após ano
como um caracol perdido em si mesmo
sem se assustar
com a sombra do saleiro
que se aproxima
silenciosamente.

::

um gato lambe o cu
e eu fumo dois cigarros
até a saliva quente
me avisar que o vômito vem vindo
meu pai morreu ontem à noite
e eu ainda não chorei
não tem nada na geladeira
e eu me deito com fome
penso em
arrumar um emprego
arrumar uma mulher rica
arrumar um homem rico
assaltar a padaria
pego no sono
sonho com você me abraçando
acordo assustado
prefiro a fome que dói na barriga
que a culpa
que pesa saudade.

::

era sexta-feira
quando eu a vi de novo
encurvada
segurando-se com dificuldade
na barra do ônibus
os tênis maiores que os pés cansados
e o pescoço enrugado
no qual vi derrubar a sopa
naquele dia no hospital
quando te abracei
e chorei no teu ombro
por razões que nem mesmo eu
saberia dizer
ou explicar
e você soube
embora não tenha dito
ou explicado
você sabia
e foi só quando você se foi
que eu também aprendi.

::

vez ou outra
sinto falta daquele sorriso de mais cedo
aquela criança
dezoito-recém-completados
permissão no bolso
para dirigir sem rumo
nas noites em que jurávamos
ser infinitas
ao lado daqueles que amávamos
com todo o coração do mundo
as mesmas ruas
onde éramos gigantes
e que hoje não exibem
memória alguma de nossos tempos
são álbuns de figurinhas
onde as fotos já se apagaram.

::

nicolas behr-erre 070
A foice escondida
rodoviária e congresso
brasília é meu lar
feito de terra
tristeza
e concreto.

::

o que é o inferno
senão sonhar contigo
dizendo me amar
mais uma vez
e acordar
sem poder responder?
nós sempre teremos paris
ou seria viena?
não me lembro bem
desculpe, lembro sim
só não queria
fazer parecer
que ainda não esqueci você
sabe
tem três dias
que só penso em você
quando não estou acordado
até joguei fora
aquela camisa puída
de banda sueca
que eu tanto gostava
tinha muito mais de você nela
do que jamais teve de mim.

::

amar é uma via-crúcis
qual dos dois
carrega a cruz?
qual dos dois
brande o chicote?

::

sinto o café
se misturar com o bolo de fubá
e dançar na minha língua
como um dia você dançou
nesse mesmo domingo frio
cinza
e chuvoso
que, aparentemente
nos alimentávamos
um do outro.

::

fazer literatura
é só mais um jeito de enlouquecer
de tomar aquela vodca de oito reais
sem sentir o gosto
e fumar o cigarro falsificado
sem ficar tonto
é só mais uma maneira
de lembrar de você
sem que doa
tanto assim.

::

castigo
é saber uma mãe
que seu filho morreu na guerra
e não pode voltar pra casa
por que não sobrou nada
além de uns pedaços
que nem sabem se é dele mesmo
é ter de escolher
entre o cigarro
a bebida ou a comida
com os últimos cinco reais
que se tem no bolso
afinal as coisas são assim mesmo
mudar de parada
e perder o ônibus
enquanto se está no meio das duas
ou será que é
não ouvir tua voz
numa noite quente
cujo único barulho
é o descompasso que tua foto
causa no meu peito?

::

o azul daquelas cortinas
fazendo luz no teu rosto adormecido
e o barulho do silêncio na rua
cortado vez ou outra pela régua de um carro
ou de um casal tão apaixonado quanto nós
enquanto gal geme vapor barato
e o abajur detrás de ti
ilumina o livro rosa azul da ana c.
e faz com que você seja ainda mais
surreal do que já parece
quando deita em meus braços
e não diz que me ama
não diz que me quer
mas eu sei
nem de olhos fechados
quem ama consegue mentir.

::

sobrou um pedacinho teu
e eu reguei com solidão
num quarto escuro e mofado
até nascerem as flores
perfumadas de distância
e dor.

::

amar
é como tentar dar partida
num carro à álcool
numa manhã fria
de outono.

::

da penúltima vez
que vi meu pai
saímos no braço
da última
dividíamos uma cerveja
enquanto os bêbados
mijavam nos muros
na noite de natal
em que suas esposas e filhos
esperavam em casa
divididos entre o medo
do retorno do patriarca ébrio
e a esperança
do toque seco do telefone
que anuncia a morte do pai
cortando o ar
pra entregar o presente de natal
da última vez que vi meu pai
já não tinha mais pai e filho ali
naquela cerveja
o olhar de desprezo pro meu cigarro
enquanto o rosto rubro
de álcool se contorcia
numa careta de desaprovação
por tudo que eu era

fui
e sou
ali só tinham dois estranhos
que de comum
dividiam apenas a cerveja
e o sangue estragado.

::

o mundo gira e eu vomito roxo
no banheiro escuro daquele bar
que a gente se conheceu
e por alguma razão
lembro do azul do teu batom
borrado em minha boca
e sinto saudade
sempre foi isso
afinal
você arranhando meu corpo
com aquilo que tinha de mais bonito em ti
e eu me perdendo
com tudo que era seu
e transbordava em mim.

::

eu fui
mas preferi não te chamar
deixei a campainha intocada
e arranhei com frustração
as paredes do corredor minúsculo
que levava ao antigo 206
ou seria 208?
achei aquela antiga gravação
que você dizia que me amava
sobrou tão pouco de ti
que nem sei mais
o que você trouxe
e o que já estava aqui
meu desejo
é só
um cartão-postal extraviado.
e essa maldita cidade
com seus pilotis
e seu concreto pintado de branco
é o que mais me lembra de ti
não é teu cabelo cacheado
que falta em meus dedos
não é teu cheiro doce
que não se impregna mais em mim
não é o suave cheiro da sua boca

adocicada pelo rivotril
a não beijar mais a minha
é essa maldita asa
que em tudo me lembra você
e em nada se assemelha
a todas aquelas ruas
em que nos amamos
quando éramos jovens um do outro
minha saudade é uma superquadra
cortada pelo eixão da tua ausência.

Sobre o Autor

Marco Magalhães é escritor, poeta, dramaturgo. Lançou, em 2014, seu primeiro livro, Diário de Dias Esquecidos, de forma totalmente independente. Em 2017, lançou pela Jaguatirica seu segundo livro, Cachorros velhos não trepam na chuva.

Tua Lembrança é Pra Sempre Samba-Enredo

Copyright 2017 Marco Magalhães

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com